

La Comédiathèque

Breves de palco

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Breves de palco

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um teatro também pode ser o palco onde ocorrem histórias inusitadas que têm como tema... o mundo do teatro. 28 cenas muito breves de uma página no máximo.

1 – Uma entrada espetacular.....	3
2 – Incógnito.....	4
3 – Onde há fumo, há fogo.....	5
4 – Uma cara de idiota.....	6
5 – Fama.....	7
6 – Morto pelo teatro.....	8
7 – Um cantinho de guarda-chuva.....	9
8 – A cor de um beijo.....	10
9 – Poliglota.....	11
10 – Ruído de fundo.....	12
11 – Não cheira a rosas.....	13
12 – O que se passa.....	14
13 – A mão no bolso.....	15
14 – Claro.....	16
15 – Fogo!.....	17
16 – Uma pesca milagrosa.....	18
17 – O comediante a pontapés.....	19
18 – Lua cheia.....	20
19 – Atraso do correio.....	21
20 – Peixes vermelhos.....	22
21 – O buraco do ponto.....	23
22 – Camarins.....	24
23 – Sessão matinal.....	25
24 – Não esperar nada.....	26
25 – O título do filme.....	27
26 – A grande família do teatro.....	28
27 – Curso dramático.....	29
28 – O final.....	30

1 – Uma entrada espetacular

A cena está vazia. Música rítmica que evoca um filme de ação. Um personagem entra a andar lentamente com um andarilho. Quando chega ao centro do palco, outro personagem entra também com um andarilho e interpela-o.

Um – Ei! Espera por mim!

Dois – O quê?

Um – Estou a dizer que me esperes!

Dois – Só faço isso, esperar-te.

Um – Se não fosses tão rápido...

Dois – O diretor disse-nos: uma entrada espetacular.

Um – Pois...

De repente, acelera e passa à frente da outra, antes de voltar ao seu ritmo de tartaruga.

Dois – O que se passa contigo?

Um – Disseste para me apressar.

Dois – Mas não te disse para me ultrapassares!

Um – Pois agora... apanha-me se puderes. Uma entrada espetacular...

Continua a andar lentamente até sair do outro lado do palco.

Dois – Espera por mim! Estou a dizer que me esperes! Ele não disse uma saída espetacular...

Apressa-se lentamente e também sai.

Escuro.

2 – Incógnito

Duas personagens entram. Ao cruzarem-se, param.

Um – Conhecemo-nos?

Dois – Não, não creio.

Um – Era o que eu pensava. Não nos conhecemos.

Dois – Sabe...? Dizem que não ganho nada em ser conhecido.

Um – Eu também não. Ninguém me consegue ver nem pintado.

Dois – E a mim ninguém me aguenta.

Um – Então, para quê nos conhecermos, certo?

Dois – Quando não se ganha nada em ser conhecido, mais vale ser discreto.

Um – Tem razão. Finjamos que não nos vimos e viajemos incógnitos.

Dois – Eu vou por ali.

Um – E eu por aqui.

Dois – Nem sequer o vi.

Um – Não quero mais vê-lo.

Saem.

Escuro.

3 – Onde há fumo, há fogo

Duas personagens entram. Ao cruzarem-se, param.

Um – Desculpe, tem lume por favor?

Dois – Sim, mas não lho vou dar.

Um – E porquê, se é que posso saber?

Dois – Porque fumar faz muito mal à saúde! Fumar mata. Está escrito nos maços de tabaco. E além disso, entre nós, num teatro pode ser muito perigoso.

Um – Ah, não, mas não é para acender um cigarro... nem para incendiar um teatro.

Dois – A sério?

Um – É para queimar uma casa.

Dois – E porque quer queimar uma casa?

Um – É a casa do amante da minha mulher.

Dois – Nesse caso... (*Entrega-lhe uma caixa de fósforos.*) Fique com ela. Caso a sua mulher tenha mais amantes.

Um – Obrigado.

Dois – De nada, ora essa.

Sai. O outro tira um cigarro do bolso e acende-o.

Um – A sério que tenho de deixar de fumar...

Sai também.

Escuro.

4 – Uma cara de idiota

Duas personagens entram. Ao cruzarem-se, param.

Um – Porque é que me está a olhar de cima?

Dois – Não o estou a olhar de cima.

Um – Então porque é que me está a olhar de lado?

Dois – Não o estou a olhar de lado, estou a olhar de perfil.

Um – Se tem algo para me dizer, diga-me na cara.

Dois (*colocando-se à frente do outro*) – De frente, também não melhora muito.

Um – E diz-me isso olhando-me nos olhos?

Dois (*passando para trás do outro*) – Prefere que lho diga pelas costas?

Um – O que mais?

Dois – Daqui ainda é pior.

Um – Está a gozar comigo, não é?

Dois – Não, a sério, por mais que olhe de qualquer ângulo, a sua cara não me agrada.

Um – Lamento muito.

Dois – Não se desculpe. Não é culpa sua ter cara de idiota.

Um – Acha que eu tenho cara de idiota?

Dois – Oh, na sua categoria, alcança a perfeição. Sim, de qualquer ângulo... pode-se dizer que tem uma bela cara de idiota.

Saem.

Escuro.

5 – Fama

Um – Mas eu conheço-o. É alguém famoso.

Dois – Famoso?

Um – Sim, você é uma celebridade.

Dois – Que celebridade?

Um – Ah, não me lembro do seu nome... Aquele tipo...

Dois – E famoso porquê?

Um – Não sei... Mas vejo-o na televisão, não?

Dois – Está a confundir-me, garanto-lhe.

Um – A confundir? Com quem?

Dois – Lamento, não sou quem pensa. Mas, sabe? Não me surpreende. Costumam confundir-me com outra pessoa.

Um – Ah sim?

Dois – Sim, com uma celebridade, justamente. Mas nunca me souberam dizer qual.

Um – Ora essa.

Dois – Não consegue mesmo ver com quem posso parecer?

Um – Não... Mas há pouco estava na ponta da língua.

Dois – Que pena. Se se lembrar, avise-me. Porque, francamente, adoraria saber com quem me pareço.

Um – Pois sim... sobretudo se for alguém famoso.

Dois – Você, por outro lado, não me é familiar de todo.

Escuro.

6 – Morto pelo teatro

Duas personagens entram. Ao cruzarem-se, param.

Um – Ora, eu pensava que você estava morto...

Dois – Mas estou morto.

Um – Foi o que me pareceu! E há quanto tempo?

Dois – Vai fazer dois anos.

Um – Ah, sim... E de que morreu, exatamente?

Dois – Morri de tédio. Fui ao teatro ver uma peça escrita por um autor contemporâneo. A porteira encontrou-me caído na cadeira durante o intervalo.

Um – Era assim tão aborrecida?

Dois – Aborrecida de morrer. Era uma peça sobre migrantes que atravessam o Canal da Mancha em botes para chegar a Inglaterra.

Um – Ah, essa peça... Já percebo... Embora o tema seja bonito...

Dois – Ao que parece, o autor passou três meses em Calais para entrar no ambiente. Escreveu a peça da varanda do seu hotel de luxo com vista para o mar. Se calhar faltou-lhe um pouco de experiência real...

Um – E... tem a certeza absoluta de que está morto?

Dois – Absoluta... e se me está a ver, é porque você também está morto.

Um – Lamento. Eu sou o autor dessa peça que lhe correu tão mal.

Dois – Parece que a si também não lhe correu melhor.

Um – Hidrocusão. Nunca devia ter tomado banho logo após o almoço. As refeições são tão fartas nesses hotéis de luxo.

Saem.

Escuro.

7 – Um cantinho de guarda-chuva

Duas personagens, uma com um guarda-chuva fechado na mão, avançam até ao centro do palco. Ficam imóveis, uma ao lado da outra.

Um – Está bom tempo, não acha?

Dois (*surpreso*) – Ah... não sei.

Um – Tem razão, parece que está a ficar nublado.

Dois – Eu disse isso?

Um – Sim, acho que vai chover...

Abre o guarda-chuva. O outro olha-o, desconcertado.

Dois – Como é que vai chover? Estamos no palco de um teatro.

Um – Precisamente... podia acompanhar-me na brincadeira.

Dois – Na brincadeira?

Um – Se eu digo que vai chover, você faz de conta que vai chover. (*Pausa*). E além disso, mesmo num teatro, também pode chover.

Dois – Ah, sim?

Um – Se houver uma goteira no teto, por exemplo.

Dois – Bem...

Um – Então...

Dois – Sim, parece-me ter sentido umas gotas.

Um – Se quiser, pode abrigar-se debaixo do meu guarda-chuva...

O outro abriga-se debaixo do guarda-chuva. Saem.

Escuro.

8 – A cor de um beijo

Duas personagens de sexos opostos, olhando para o horizonte.

Um – Olha, um arco-íris.

Dois – Ah, sim...

Admiram o arco-íris.

Um – Parece-me que falta uma cor.

Dois – No arco-íris não estão todas as cores?

Um – Pelo menos todas as que conseguimos nomear.

Dois – Como assim, pelo menos?

Um – Num arco-íris, não há fronteiras bem definidas entre as cores.

Dois – O vermelho só existe porque um dia alguém disse: aqui começa o vermelho e aqui termina.

Um – Dizem que os inuítes têm muito mais termos do que nós para descrever a cor da neve.

Dois – Então também se vê com a língua.

Um – São as palavras que traçam as fronteiras entre as coisas, as pessoas e as cores.

Dois – E que cor é que poderia faltar?

Um – Não sei... A cor de todas as línguas quando se misturam.

Os seus rostos aproximam-se como se fossem dar um beijo.

Escuro.

9 – Poliglota

Um – Do you speak Spanish?

O outro lança-lhe um olhar ofendido.

Dois – Mas vá lá, sou português!

Um – Não é essa a questão.

Dois – Então, qual é a questão?

Um – Do you speak English?

Dois – É inglês?

Um – Não.

Dois – Então por que me pergunta se falo inglês?

Um – Para iniciar uma conversa.

Dois – Em inglês? E por que não em alemão também?

Um – Sprechen Sie Deutsch?

Dois – Eu disse-lhe que sou português! Português!

Um – Desculpe, pensei que fosse poliglota.

Dois – Poliglota?

Um – Só queria praticar um pouco uma língua estrangeira. Por prazer.

Dois – Poliglota... Mas, por favor. Pelo menos, seja educado!

Sai.

O outro hesita por um instante antes de se dirigir ao público.

Um – Do you speak Spanish?

Escuro.

10 – Ruído de fundo

Duas personagens entram. Ficam imóveis uma ao lado da outra.

Um – Não ouves um ruído?

Dois – Um ruído? Que ruído?

Um – Não sei... Um ruído... Algo como... Tic, tic, tic...

Dois – Tic, tic, tic...?

Um – Ou toc, toc, toc...

Dois – Tic, tic, tic ou toc, toc, toc?

Um – A sério que não ouves nada?

Dois – Agora que falas nisso... Sim, talvez...

Um – O que ouves?

Dois – Toc, toc, toc.

Um – Como se alguém estivesse a bater à porta?

Dois – Ou mais tac, tac, tac. E tu?

Um – Tic, tic, tic.

Dois – Tac, tac, tac.

Um – Tac, tic, tac, tic...

Dois – Tic, tac, tic, tac...

Um – Não vejo nenhum relógio.

Dois – Nem eu.

Um – Mas o tempo passa na mesma...

Escuro.

11 – Não cheira a rosas

Duas personagens, uma ao lado da outra.

Um – Não cheira a rosas, aqui.

Dois – Não, cheira mais a...

Um – A violetas.

Dois – Sim... Ou talvez a alfazema.

Um – Eu diria mais a lírio, não?

Dois – Lírio?

Um – Ou a centáurea.

Dois – Centáurea... Não sei como cheira...

Um – Ou talvez a papoila.

Dois – A papoila tem cheiro?

Um – Não sei. É uma flor. Deve cheirar a alguma coisa.

Dois – Ou talvez a amores-perfeitos.

Um – O amor-perfeito não cheira a nada, certo?

Dois – Não sei... Depende dos amores-perfeitos...

Um – O amor-perfeito não tem cheiro. Mas aqui, cheira mais a...

Dois – De qualquer maneira, não cheira a rosas.

Um – Não.

Escuro.

12 – O que se passa

Uma personagem está ali. Chega uma segunda.

Um – O que se passa?

Dois – Não sei... (*Apontando para o público*) Olha, há uma multidão ali. Deve estar a acontecer alguma coisa.

Um – Ah, sim, é verdade... O que estão a ver?

Dois – Vai-se lá saber... Mas quando muitas pessoas olham na mesma direção, é porque se passa algo.

Um – E em que direção estão a olhar exatamente?

Dois – Parece que estão a olhar... na nossa direção.

Um – Então é porque está a passar-se algo.

Dois – Mas o quê?

Um – O que poderia estar a passar-se?

Dois – Não sei.

Um – Eu diria antes que não está a passar-se nada, não?

Dois – Se as pessoas estão a olhar na nossa direção, é porque algo se passa.

Um – Mas nós estamos a olhar na direção deles.

Dois – E então? O que se passa?

Um – Não sei, parece... uma multidão.

Dois – Sim, isso mesmo. Uma multidão.

Escuro.

13 – A mão no bolso

Um personagem parece estar à espera. Chega outro. Silêncio.

Um – Está à espera do comboio?

Dois – Estamos na plataforma. Acabaram de anunciar pelo altifalante a chegada de um comboio regional expresso na via dois. Estamos na via dois. Portanto, sim, estou à espera do comboio. E você? Está à espera da maré?

Um – Desculpe, foi uma pergunta estúpida.

Dois – Sou eu quem pede desculpa. Estou um pouco nervoso hoje, mas não devia ter-lhe respondido assim. Também me acontece às vezes fazer perguntas estúpidas, sabe...?

Um – Então, está à espera do comboio...

Dois – Sim. E você não?

Um – Sou polícia.

Dois – Ah, peço desculpa...

Um – Fomos informados da presença de carteiristas na estação. Tem os seus documentos?

Dois – Está a tomar-me por um carteirista?

Um – De forma alguma... Só queria verificar se também não lhe roubaram a carteira.

O outro procura no bolso e tira uma carteira.

Dois (*pegando na carteira*) – Importa-se? Vamos verificar se não lhe clonaram o cartão bancário...

Um – Ora essa.

O suposto polícia afasta-se com a carteira, deixando o outro perplexo.

Escuro.

14 – Claro

Duas personagens, uma ao lado da outra.

Um – Amas-me?

Dois – Claro.

Um momento.

Um – Claro?

Dois – O quê?

Um – Disseste isso como se fosse uma coisa óbvia.

Dois – Para mim é.

Um – Não, quero dizer... como se fosse uma pergunta parva.

Dois – Eu disse que era uma pergunta parva?

Um – Claro... Vais admitir que não é uma resposta muito romântica. É uma coisa lógica, se preferires. Enquanto que a pergunta... Não era uma pergunta, na verdade. Era mais... um convite. Se te perguntam "gostas de tarte de maçã?", aí sim, respondes claro. Mas quando te perguntam se me amas...

Dois – Bem... E tu, amas-me?

Um – Isso é... Agora parece um contra-interrogatório. E tu, amas-me...? Sinceramente...

Dois – Foi o que me perguntaste há pouco, não?

Um – Sim mais... eu fiz a pergunta primeiro! Ai, estás a tirar-me do sério.

A personagem sai, deixando a outra atónita.

Escuro.

15 – Fogo!

Um personagem está presente. Outro chega e interpela-o.

Um – Parece que o espetáculo foi cancelado.

Dois – Não? Tens a certeza? Quem te disse isso?

Um – O bombeiro de serviço.

Dois – Ainda há bombeiros de serviço nos teatros?

Um – Parece que sim.

Dois – E por que é que o espetáculo foi cancelado?

Um – Parece que há fogo no escritório do diretor.

Dois – Não sinto cheiro a nada... Tens a certeza de que é um bombeiro de verdade?

Um – Não sei. Estava vestido de bombeiro.

Dois – No teatro, já sabes... O hábito não faz o bombeiro.

Um – Mas cheira a fumo, não?

Dois – Acabei de fumar um...

Um – Mesmo que seja um falso bombeiro, pode ser um fogo verdadeiro.

Dois – Se fosse um bombeiro de verdade, estaria a apagar o incêndio.

Um – Ou talvez seja um bombeiro de verdade, mas não um fogo real.

Dois – Porque é que um bombeiro de verdade inventaria um incêndio falso?

Um – Ou talvez seja um falso bombeiro, mas um ator de verdade.

Dois – Então, o espetáculo foi cancelado, mas faz parte da peça...?

Um – Vai-se lá saber. Num teatro...

Escuro.

16 – Uma pesca milagrosa

Um personagem está no proscénio, com uma cana de pesca, virada para o público. Outro chega, aproxima-se e observa.

Um – Vem muitas vezes pescar à beira do palco?

Dois – Sobretudo no intervalo. Relaxa-me.

Um – E mordem?

Dois – Ontem apanhei um grande.

Um – São comestíveis?

Dois – Não sei bem. Eu não me arriscaria a comê-los.

Um – Com todas as porcarias que devem engolir.

Dois – Não, pescar é só por diversão. Quando apanho um, devolvo-o à sala.

Um tempo.

Um – Ah, acho que mordeu.

Dois – Sim...

Gira o carroto.

Um – Parece um peixe grande... O que será? Um tubarão?

Dois – Ou uma sardinha...

Escuro.

17 – O comediante a pontapés

Dois personagens, um ao lado do outro.

Um – Porque é que decidiste ser ator?

Dois – Desde muito pequeno diagnosticaram-me um transtorno de personalidade múltipla. Quando fiz dezoito anos, convoquei todas para uma assembleia geral numa cabine telefónica e decidimos por unanimidade ligar para o Conservatório de arte dramática para nos inscrevermos coletivamente. Por sorte, fizeram-nos um desconto de grupo.

Um – Ah, claro...

Dois – E tu? Porque é que decidiste ser ator?

Um – Ah, eu não decidi. Os meus pais eram ambos atores. Eu sonhava ser contabilista. Mas não quis desiludi-los, sabes. E além disso, eles não o teriam aceite. Agora estão os dois mortos, e aqui estou eu...

Dois – Talvez ainda não seja tarde demais para seres contabilista.

Um – A contabilidade, se não comesas jovem e não praticas durante anos, é muito difícil de retomar.

Dois – Outra vocação frustrada pelos preconceitos sociais.

Um – É verdade que é muito difícil fazer um nome na contabilidade.

Dois – Pessoalmente, não conheço nenhum contabilista que tenha ficado famoso. Mas quando é uma paixão...

Um – E ganha-se bem a vida com a contabilidade.

Dois – Bem, temos de voltar. O intervalo acabou. Deves estar contente, fazes de inspetor das Finanças em *O jantar de idiotas*.

Um – Sim... mas não é a mesma coisa.

Escuro.

18 – Lua cheia

Um personagem está presente. Outro chega.

Um – Viste? Está lua cheia.

Dois – Sim.

Um silêncio.

Um – Quanto tempo dura a lua cheia?

Dois – Não sei. Não é uma duração exata. Vai crescendo aos poucos. Um dia, a lua está cheia. E depois começa a minguar. Porquê?

Um – Já faz três semanas que está lua cheia.

Dois – Ah, sim?

Um – É possível que a lua esteja cheia durante três semanas?

Dois – Não.

Um – Era o que eu pensava.

Dois – Então, não deve ser a lua.

Um – E o que será?

Dois – Não sei... Eu diria... um projetor.

Um – Tens razão, deve ser um projetor.

Escuro.

19 – Atraso do correio

Dois personagens, um ao lado do outro, olham para o céu.

Um – Viste todas essas estrelas?

Dois – Sim.

Um – Pergunto-me quantas é que pode haver.

Dois – Três mil duzentas e vinte e sete.

Um – O quê?

Dois – contei-as. Há três mil duzentas e vinte e sete.

Um – Estás a brincar.

Dois – Sim.

Um – Mesmo que pudéssemos contá-las... entre as que ainda vemos mas já estão mortas, e as que acabam de nascer mas que ainda não vemos...

Dois – É como perguntar quantos seres humanos há na Terra. Mesmo que recebêssemos uma notificação cada vez, com o atraso do correio, nunca poderíamos saber exatamente quantos há naquele momento.

Um – Falando nisso, o vizinho morreu.

Dois – O vizinho da frente?

Um – O vizinho do lado.

Dois – Não sabia. Foi há muito?

Um – Há umas duas semanas. Perdemos o funeral. Acabei de receber o obituário.

Dois – Ele vivia mesmo ao lado... Teria sido melhor deixar o obituário diretamente na caixa de correio.

Escuro.

20 – Peixes vermelhos

Dois personagens, um ao lado da outro.

Um – Sabes o texto?

Dois – Sei metade. E tu?

Um – Sabia-o todo, mas esqueci-me de tudo.

Dois – Quando tens má memória, não devias fazer peças demasiado longas... Ou precisas de um ponto.

Um – Um ponte?

Dois – Um ponto!

Um – Ah, sim, um ponto.

Dois – E além disso, é surdo.

Um – Quando tens má memória e ainda por cima és surdo, é melhor não fazer teatro.

Dois – Como é que se chama esta peça? Já me esqueci...

Um – Os peixes vermelhos.

Dois – As ervilhas vermelhas? Que título mais estranho...

Um – Não são ervilhas! São peixes! Peixes vermelhos.

Dois – Ah, sim, os peixes vermelhos...

Silêncio.

Um – Sabes o texto?

Dois – Sei metade. E tu?

Um – Sabia-o todo, mas esqueci-me de tudo.

Escuro.

21 – O buraco do ponto

Um personagem está presente. Outro chega, procurando algo.

Um – O que estás a procurar?

Dois – O buraco do ponto.

Um – O buraco do ponto? Mas isso já não existe há muito tempo.

Dois – Antes havia um buraco, não? Acho que estava por aqui.

Um – Taparam-no.

Dois – Taparam o buraco do ponto?

Um – Bem, imagino que o deixaram sair primeiro.

Dois – Outro ofício que desapareceu.

Um – Pois é...

Dois – E se eu tiver um lapso?

Um – Um lapso?

Dois – Se me esquecer do texto.

Um – O teu texto?

Dois – Não me digas que já não há texto também.

Um – Não há texto e também não há ponto. É teatro contemporâneo.

Dois – Mas então, o que é que supostamente temos de dizer?

Um – Podemos dizer qualquer coisa.

Dois – Pois agora já não sei o que dizer.

Escuro.

22 – Camarins

O primeiro chega, seguido de perto pelo segundo que o interpela.

Um – O que achas deste teatro?

Dois – Bem, não está mal.

Um – Achas?

Dois – Já vimos piores, não?

Um – Piores? Não sei... Como é o teu camarim?

Dois – Bem... Tem ar condicionado, uma máquina de expresso, um minibar, uma banheira... E quando cheguei, havia uma garrafa de champanhe num balde com gelo e uma série de canapés.

Um – Não, a sério?

Dois – E como é o teu camarim?

Um – O meu camarim? Bem, é mais um armário grande onde também guardam os cenários. Quanto à minha casa de banho... são as casas de banho comuns. No corredor.

Dois – Sabes que mais? Devias mudar de agente.

Um – Mas eu não tenho agente. Tens agente tu?

Dois – Não... Não viste as minhas coisas ao lado das tuas nesse armário de vassouras?

Um – Já estava a imaginar.

Dois – Enfim, enquanto nos pagarem...

Um – Pagam-te a ti?

Dois – Não tens muito sentido de humor, pois não? Mas acredita, para sobreviver nesta profissão, vais precisar dele.

Escuro.

23 – Sessão matinal

O primeiro chega, seguido de perto pelo segundo que o interpela.

Um – Que horas são?

Dois – São 15h10. Atuamos daqui a uns cinquenta minutos.

Um – Odeio atuar à tarde... Na verdade, porque é que se chama sessão matinal? Ninguém atua de manhã, pois não?

Dois – Na época de Molière, as companhias atuavam realmente de manhã, à luz do dia. Era mais prático do que atuar à luz das velas. Logicamente, dizia-se "sessão matinal", ou seja, antes do almoço. Mas naquela época, o que hoje chamamos pequeno-almoço, chamava-se almoço, e o que hoje chamamos almoço, chamava-se jantar. Então as pessoas iam ao teatro de manhã, antes do jantar, por volta das 13h. Hoje em dia, já não se atua de manhã, e jantamos depois das 20h, mas a expressão ficou. Quando atuamos antes do jantar, chamamos-lhe "sessão matinal".

Um – Não percebi nada. Mas, enfim, à tarde faço a sesta. Acordas-me?

Sai, deixando o outro perplexo.

Escuro.

24 – Não esperar nada

Um personagem entra e fica ali, imóvel. Outro chega.

Um – Desculpe...

Dois – Sim?

Um – Está à espera de alguém?

Dois – Não.

Um – Está à espera de alguma coisa?

Dois – Não.

Um – Então, não está à espera de nada.

Dois – Não.

Um – Importa-se que eu espere consigo? Eu também não estou à espera de nada.

Dois – Ora, claro, faça favor.

Silêncio.

Um – E já faz muito tempo que não espera nada?

Dois – Oh, sim, já faz bastante... E você?

Um – Eu ainda esperava o autocarro há uns anos. Agora vou de bicicleta.

Dois – Vem cá todos os dias?

Um – Sim... Bem, muitas vezes... (*Pausa*) Acho que estarei aqui amanhã.

Dois – Eu também... (*Pausa*) Mas não estará à minha espera, pois não?

Um – Não, não, fique descansado...

Escuro.

25 – O título do filme

Um personagem entra e fica ali, imóvel. Outro chega.

Um – És o primeiro?

Dois – Ao que parece. Porquê? Estamos à espera de outros atores?

Um – Não sei. Como o filme se chama Sexteto...

Dois – Sexteto, tens a certeza?

Um – Não é esse o título do filme?

Dois – Eu tinha percebido Sextape.

Um – Ah, sim, pode ser. Sexteto, Sextape, soam um pouco parecido.

Dois – Sim, bem... Não acho que sejam o mesmo tipo de filme.

Um – Não...

Dois – Vamos esperar. Já veremos se chega mais alguém.

Um – Sim.

Dois – Sim, porque um sexteto, entre dois...

Um – Torna-se num frente a frente.

Dois – Que pode rapidamente dar uma volta inesperada.

Um – Deve ser Sextape, mais provavelmente.

Escuro.

26 – A grande família do teatro

Dois personagens, um ao lado do outro, a olhar em frente. Silêncio.

Um – Sabes qual é a diferença entre o teatro público e o teatro privado?

Dois – Não.

Um – Num teatro privado, todos os espectadores na sala conhecem o nome de todos os atores no palco.

Dois – E num teatro público?

Um – Todos os atores no palco conhecem o nome de todos os espectadores na sala.

Uma pausa.

Dois – E o teatro amador?

Um – Todos os espectadores na sala têm um vínculo familiar com os atores no palco.

Dois – Deve ser isso que chamam de a grande família do teatro.

Escuro.

27 – Curso dramático

Dois personagens, um ao lado do outro, a olhar em frente.

Um – Tinhas tido aulas de teatro antes?

Dois – Não. É a primeira vez.

Um – O que achas do professor?

Dois – Acha-se um pouco Deus, não?

Um – Sim...

Silêncio.

Dois – Achas mesmo que precisamos de aulas?

Um – Há muitos grandes atores que nunca puseram um pé numa escola de arte dramática.

Dois – Sim. Sobretudo quando os pais já eram atores famosos.

Um – Parece que o talento é hereditário.

Dois – Os teus pais são atores?

Um – Não. São professores. E os teus?

Dois – São talhantes.

Uma pausa.

Um – Mais vale voltarmos.

Dois – Sim.

Um – No pior dos casos, acabaremos a ser professores de teatro.

Dois – Ou talhantes...

Escuro.

28 – O final

Dois personagens chegam.

Um – E pronto. Esta é a última cena.

Dois – Sim. Foi muito curta, esta peça, não?

Um – Pelo menos, não tivemos tempo de nos aborrecermos.

Dois – Bem. Agora, temos de fazer com que as pessoas percebam que acabou e que está na hora de irem embora.

Um – O que podemos fazer para que percebam que acabou?

Dois – Não sei...

Sai e volta com um cartaz que diz «Acabou».

Um – Pelo menos assim não há ambiguidade. Porque é horrível aquelas peças em que o ponto tem de aplaudir no final para que todos percebam que acabou.

Dois – Sim.

Saem. O ponto aplaude. Com sorte, os espectadores também aplaudem.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-257-9

Documento para download gratuito